

**DOSSIÊ POETRY SLAM:
PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO
PARTE 2
APRESENTAÇÃO**

[POETRY SLAM: PRODUCTION, CIRCULATION AND RECEPTION - PART 2: PRESENTATION]

DANIELA SILVA DE FREITASⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-2670-3244>

Universidade Federal de Alfenas – Alfenas, MG, Brasil

MIRIANE PEREGRINOⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-4410-347X>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

PAULO ROBERTO TONANI DO PATROCÍNIOⁱⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-0436-2490>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Outra frente bastante importante dessa poesia é a enorme produção de leituras e performances públicas em *saraus* e, hoje, mais diretamente, em *slams*, que vêm se tornando uma frente vigorosa de atuação da poesia feminista. (HOLLANDA, 2021, p. 32)

No final de 2021, nós três, Daniela Silva de Freitas, Miriane Peregrino e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, nos reunimos em uma sala virtual entre as cidades de Alfenas, Colônia e Rio de Janeiro para escrevermos a proposta do dossiê “Poetry Slam: produção, circulação e recepção” para à revista Terceira Margem. Era a primeira vez que um periódico acadêmico brasileiro propunha um dossiê especificamente sobre esse tema. A princípio, chegamos a duvidar se propor um volume exclusivamente sobre o slam atrairia um volume suficiente de submissões para chegar a compor uma edição. Pensamos que talvez fosse mais adequado propor algo mais amplo, talvez sobre a poesia oral, suas tantas formas e contextos, e incluir o slam como uma de suas manifestações - talvez esse ajuste no foco garantisse que recebêssemos a quantidade mínima de contribuições. Por fim, decidimos nos ater à ideia inicial de Peregrino e propor uma edição exclusivamente sobre o slam e seus contextos de produção,

circulação e recepção, que tanto se aproximam quanto se afastam dos percursos e rumos de outras formas de poesia falada. Para a nossa grande surpresa, recebemos um volume expressivo de artigos, cuja qualidade e variedade de perspectivas metodológicas confirmam que o slam tem ocupado não só as ruas e as redes, mas também grupos de pesquisa e salas de aulas, atravessando diversos campos do conhecimento. Esses artigos pioneiros acabaram compondo não um, mas dois primeiros volumes de uma revista científica brasileira acerca do poetry slam.

Entretanto, devemos também a própria cena do slam nacional o sucesso desta empreitada. Em 2021, Roberta Estrela D’Alva, slammaster do Slam BR, divulgou a chamada do dossiê durante uma semifinal do Slam BR online na qual Miriane Peregrino era uma das juradas. Logo em seguida, alguns poetas-pesquisadores entraram em contato interessados em participar da publicação como, por exemplo, a Érica Paiva Rosa, organizadora do Slam Pé Vermelho no Paraná.

A primeira parte do dossiê foi publicada em agosto de 2022 e reuniu uma multiplicidade de abordagens sobre a cena slam em Luanda, em São Paulo, na Bahia, em Minas Gerais, no Distrito Federal e no ciberespaço, seja em suas versões ao vivo ou mediatizadas em lives ou vídeos compartilhados no YouTube, no Instagram e no Facebook. Pesquisadores de diferentes regiões do país partiram do campo das Letras, da Literatura e da Linguística, das Ciências Sociais, da Sociologia e da Antropologia, da Educação, da Comunicação, da Cultura e das Artes Cênicas para pensar o slam a partir de diferentes referenciais teóricos e vivências pessoais. Além de artigos escritos por professores-pesquisadores, a revista contou com uma série de contribuições - artigos, entrevistas e capítulos de livro - de produtores-pesquisadores e poetas-pesquisadores, figuras centrais na cena nacional e/ou internacional do slam: Roberta Estrela D’Alva, Meimei Bastos, Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza, Thaís Ramos Carvalhais e Clara Carolina Oliveira da Costa, Emerson Alcalde, Comikk MG, Luiza Romão e Midria. Nela publicamos também quatro poetas de países de língua portuguesa: Bel Neto (Angola), Luz Ribeiro (Brasil), Lorna Zita (Moçambique) e Li Alves (Portugal).

Neste número da revista Terceira Margem publicamos um dossiê exclusivo com artigos e ensaios que tratam dos Slams das Minas ou que examinam a participação das mulheres nos eventos de slam. Segunda parte do DOSSIÊ POETRY SLAM:

PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO, neste número é construído um amplo debate sobre a centralidade da presença de mulheres, mulheres negras e pessoas LGTQIAP+ na cena do slam no Brasil.

A criação do primeiro Slam das Minas, no Distrito Federal, foi um marco na cena brasileira e se espalhou como exemplo por todo o país, chegando mesmo a Coimbra, Portugal, onde um grupo de imigrantes brasileiras criou o primeiro Slam das Minas de lá. E é em torno dos Slams das Minas que o primeiro conjunto de artigos aqui reunidos se detém. Abrimos este número com o artigo “Slam das Minas do Rio de Janeiro: Erga sua voz!” das pesquisadoras Rossi Alves Gonçalves e Talita Miranda da Costa Mathias (*in memoriam*), seguido de “Slam das Minas: a insurgência e o protagonismo das poetisas mulheres no Brasil” das pesquisadoras Antonia Costa de Thuin, Marina Ivo de Araujo Lima e Daniele Rodrigues Oliveira. Mais adiante, os artigos “A voz negra, o corpo negro e seu ato de resistência: a poesia de mulheres negras no circuito dos slams na cidade de São Paulo” da pesquisadora Renata Dorneles Lima, “Música e poesia que se entrelaçam: descrição do poema ‘Exposta’ de Mel Duarte” de autoria de Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres e Rafael dos Prazeres, e “Luiza Romão e ‘sua poesia’ de resistência decolonial – Slam das Minas, presente!” dos pesquisadores Cynthia Agra de Brito Neves e Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos vão destacar também as vozes de slammers na cena paulista.

A discussão sobre os slams como espaços de resistência decolonial e ruptura com o cânone ganham novo relevo com o artigo “A autorrepresentação e a mulher indígena no slam: A poesia de Auritha Tabajara e a ruptura com a representação hegemônica” de Mariana de Oliveira Costa e Ary Pimentel. Mais adiante, as pesquisadoras Érica Alessandra Paiva Rosa e Suely Leite nos convidam a pensar o slam como uma insurgência não só dos corpos mas da língua no artigo “O revide da língua: descolonização do pensamento na poética do *slam*”.

Na cena brasileira, ainda com recorte de gênero, mas procurando destacar identidades regionais, alguns estados nomearam seus slams só com mulheres de modo distinto do “Minas”, como por exemplo, o Slam das Cumadi no Ceará. Neste sentido, o artigo de Ary Pimentel, “Mudas falas mudam as falas na cena poetry slam: a poesia

falada brasileira tem cor e gênero", apresenta uma extensa cartografia literária destes slams.

O último artigo deste conjunto, “A poesia imigrante campeã do Festival Portugal Slam entre 2019 e 2022” das pesquisadoras Maria Giulia Pinheiro, Ana Carolina Marques e Miriane Peregrino, destaca a participação de três poetas brasileiras na cena do slam português ao lado de poetas angolanos que também vivenciam a experiência da imigração.

Nosso dossiê conta ainda com uma tradução e uma entrevista. “Performances de poesia na página e no palco: reflexões a partir do slam”, de Helen Johnson, teve tradução de Daniela Silva de Freitas e Maria Eduarda Faráco Ávila e Silva. Johnson é professora na Universidade de Brighton, além de poeta de *spoken word* e produtora de slams na Inglaterra. Seu texto parte do slam para questionar a rigidez da barreira erguida por pesquisadores e teóricos entre oralidade e escrita, que permeia as discussões sobre a poesia falada. Johnson argumenta que o processo de leitura de uma poesia impressa na página constitui uma performance tanto quanto um poema no palco, mas tendemos a ignorar sua caracterização enquanto uma prática social, contingenciada por uma série de variáveis espaciais, temporais, ou pelas identidades de seus atores e leitores. Já em “Muhatu de Angola: entrevistas com Elisangela Rita”, a pesquisadora Miriane Peregrino costura uma série de entrevistas realizadas ao longo de sua pesquisa com a pioneira do slam angolano, Elisangela Rita, à fim de apresentar as leitoras e leitores as dinâmicas das competições poéticas, sobretudo, entre mulheres em Luanda.

Na sessão 3a Margem Cultural, contamos com a participação das poetas brasileiras Maria Giulia Pinheiro e Anna Zepa que com o texto “O que os *slammers* lêem?”, propõem que lancemos outros olhares sobre a cena slam. Para esta sessão também foram convidadas nove *slammers* brasileiras: Bianca dos Santos/Cacheada (Ceará), Carol Braga (Pernambuco), Cristina Santos/Medusa (Acre), Meimei Bastos (Distrito Federal), Mel Duarte (São Paulo), Pieta Poeta (Minas Gerais), Tami Prestes (Rio Grande do Sul), Carol Dall Farra e Rejane Barcelos, ambas do Rio de Janeiro e alunas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - à qual a revista Terceira Margem é afiliada. Na cena slam brasileira há uma pluralidade de produções, de circuitos, de

especificidades, portanto, a margem poética aqui apresentada não é, e também não se propõe a ser, representativa da cena slam nacional.

É com este conjunto de vozes aqui reunido que fechamos o dossiê que iniciamos em agosto do ano passado: “Poetry slam: produção, circulação e recepção”.

Referências bibliográficas

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 32.

ⁱ **Daniela Silva de Freitas** é professora de literaturas de língua inglesa na Universidade Federal de Alfenas. Sua pesquisa se volta para a literatura contemporânea, especialmente em contextos brasileiros e estadunidenses, com especial interesse pelos debates acerca de questões de nação, raça, gênero e suas interseccionalidades, e suas relações com transformações nas formas e práticas literárias. **E-mail:** danielasf@gmail.com

ⁱⁱ **Miriane Peregrino** é Jovem Pesquisadora Fluminense da FAPERJ com o projeto “A expansão dos campeonatos de poetry slam em países de língua portuguesa” e Professora visitante do PPGCL/UFRJ. Tem doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Realizou estágios de pesquisa no Romaniches Seminar da Universität Mannheim (UNI-Mannheim) e no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität zu Köln (Uni-Köln), ambos na Alemanha, e no Centro de Estudos Amílcar Cabral, na Guiné Bissau. **E-mail:** miriane.peregrino@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Paulo Roberto Tonani do Patrocínio** possui doutorado em Letras pela PUC-Rio. É Professor Adjunto do Departamento de Letras-Libras e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, ambos da Faculdade de Letras da UFRJ. É autor dos livros *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira* (7Letras/FAPERJ, 2013) e *Cidade de lobos: a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo* (Ed. UFMG/FAPERJ, 2016) e também co-organizador dos livros de ensaios *Modos da margem, figuras da marginalidade na literatura brasileira* (Aeroplano, 2015), *Estudos culturais: legado e apropriações* (Pontes, 2017). **E-mail:** paulotonani@letras.ufrj.br